

19-03-2020

**Você é muito radical!**  
**O canto da sereia:**  
**“cultura do voluntariado” e o**  
**“empreendedorismo social”**  
**Paulo Victor R. de A. Lira**

[Sanitarista. Mestre em Saúde Pública]

**Radical simplesmente significa****"agarrar as coisas na raiz"****(Angela Davis)**

A afirmação “você(s) é(são) muito radical(ais)!” é frequente no nosso dia a dia. O sentido atribuído, na maioria das vezes, de negatividade, uma espécie de “aquele que quer botar defeito em tudo”, na verdade, tem em sua essência o elemento crítico de ir à raiz do problema e assim conhecendo-a pode-se transformá-la. Diante disso, exponho alguns elementos críticos à “cultura do voluntariado” e ao “empreendedorismo social”, irmãos siameses gestados nas mudanças contemporâneas do capitalismo. Sumariamente, o modo de produção capitalista tem em sua essência a necessidade de acumular capital que, segundo Marx, ocorre por meio da exploração da força de trabalho e a extração de mais valia. Nesse movimento, também são inerentes ao capitalismo suas crises. A questão social expressão dessa “lei” de funcionamento do capital, gera necessariamente aumento da pobreza relativa, absoluta, miséria.

Para comprovar essa última constatação não é necessário ser marxista, apenas é preciso habitar o planeta terra, onde [1% mais rico do mundo tem mais que o dobro da riqueza dos outros 99% da humanidade](#).

Diante disso, como é possível criticar alternativas contemporâneas do terceiro setor que estimulam a “cidadania”, a “solidariedade”, a “empatia” com a finalidade de “beneficiar a todos e todas”?

É justamente por isso que temos que recorrer à análise radical do processo e ir além de sua aparência.

Em uma busca rápida na internet acessei a definição de [empreendedorismo social](#) dada pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE):

*“O empreendedorismo social é caracterizado pela criação de produtos e serviços que tem o foco principal na resolução, ou minimização, de problemas em áreas como educação, violência, saúde, alimentação, meio ambiente, etc.”*

A definição apresenta elementos interessantes, sobretudo em relação às áreas de atuação dos empreendedores. Notem que a atuação é principalmente em áreas antes, ou ainda, cobertas por serviços públicos oferecidos pelo Estado.

Se os países de capitalismo central conseguiram até meados da década de 1970 oferecer um “Estado de Bem Estar Social”, o nosso país conseguiu a constituição de uma seguridade social “minguada”, no entanto, instituiu-se um sistema universal de saúde e de assistência social públicos e

previdência social (aos trabalhadores contribuintes).

Este ponto é crucial para compreender o avanço da “cultura do voluntariado” e do “empreendedorismo social”, pois a lógica caminha passo a passo com o desmonte do Estado no Brasil.

As ações antes realizadas pelo serviço público assumem o caráter privado como resposta aos “problemas sociais” que se multiplicam nos períodos de crise e que, em sua essência, são expressões da questão social, caráter que não é apreendido pelos princípios do “empreendedorismo social”.

Há uma naturalização do fenômeno, “pobres sempre existiram e existirão”; “é natural ter populações em situação de rua e/ou com abuso de álcool e outras drogas”; “imigrantes em situações precárias de vida e trabalho aparecem”; outros exemplos poderiam ser dados, mas o crucial é compreender que ações e intervenções ficam na imediaticidade do fenômeno e as respostas dadas a elas são por isso limitadas.

Para “dar corpo” à minha argumentação basta olharmos o verdadeiro desmonte que o Estado brasileiro vem sofrendo.

A Emenda Constitucional 95, que congelou os “gastos públicos” por 20 anos, a contrarreforma trabalhista e da previdência; o avanço de organizações sociais no sistema público de saúde; a assistencialização da seguridade social; o processo de privatizações em curso.

Estas determinações, fruto da implementação de um programa ultraliberal dão campo para o avanço de “ideologias como a do voluntariado e do empreendedorismo social”.

Logo, além de não responderem satisfatoriamente à questão social, são uma expressão do capitalismo em crise.

No passado, foram as santas casas de misericórdia baseadas em uma solidariedade cristã (ainda existente), agora são os empreendedores sociais baseados em uma impossível “solidariedade interclasse”. Além disso, aspectos relacionados ao desemprego estrutural e à insegurança nos postos de trabalho direcionam trabalhadores a serem “solidários”.

Afinal, ter trabalho voluntário conta para o currículo ou pode ajudar a ter um novo emprego, pois executando certa atividade posso me destacar e ser contratado. As ações também são focais e impedem uma análise política e econômica das situações inseridas em uma totalidade, pois como ressaltai, tratam dos “problemas sociais” e não da “questão social”.

Na verdade o que apresento não é um problema com o trabalho voluntário em si, mas como este é utilizado em uma perspectiva liberal, numa tentativa de apagar o caráter classista da sociedade capitalista. “*Todo mundo junto pelo bem de todo mundo*” dizia o lema de uma das empresas do empreendedorismo social.

Ora, quem é todo mundo? A realidade nos mostra uma dinâmica diferente, onde o caráter de classe, gênero, raça, orientação sexual, nacionalidade é determinante na vida das pessoas.

Se 1% detém a mesma coisa que outros 99% está mais que evidente que não estamos todos juntos pelo bem comum.

Outras determinações são possíveis de serem elencadas, mas o limite do texto não me permite. Contudo, a reflexão principal que quero deixar é sobre a necessidade de sermos radicais em nossa forma de analisar e assim transformar o mundo, assim, o canto da sereia não será ouvido. ■■■

*OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.*